

## Resenha

### **FONTES, Filipe Fontes C.; ALMEIDA, João B. A Igreja Local e a Música no Culto: O canto calvinista e os desafios contemporâneos. Brasília: Monergismo, 2020. 262 p.**

Thomas Magnum Felix de Almeida<sup>165</sup>

Filipe Fontes é ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, bacharel em teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição, mestre e doutor em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. É autor de mais três livros: *Você Educa de acordo com o que adora*; *Educação em casa, na igreja e na escola* e *Idolatria do Coração*. João Batista de Almeida é ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição e mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

O livro é introduzido por um elucidativo prefácio escrito pelo Rev. Hermisten Maia sobre o contexto do canto calvinista reformado passando por Lutero e Calvino com sua influência agostiniana, chegando até o canto congregacional de tradição reformada no Brasil mencionando os calvinistas franceses no Rio de Janeiro – Jean du Bourdeu, Matthieu Verneuil, Pierre Bourdon e André Lafon, dando inclusive testemunho diante de Villegaignon (1510-1571). Havia já nesta época o uso do canto dos salmos bíblicos, inclusive ao caminhar Bourdel para a execução foi contemplado por Villegaignon e seu pagem, cantando salmos e louvores a Deus. O prefácio também menciona a presença da tradição protestante de missão com Robert (1809-

---

<sup>165</sup> Mestre em Estudos Teológicos pelo Mints – Seminário Internacional de Miami. Graduado em Teologia pelo Centro de Estudos Teológicos Brasileiro (GO). Graduado em Comunicação Social pela Uninabuco (PE) e Possui Licenciatura Plena em Filosofia pela Faculdade Santa Fé (MA). É pastor Congregacional em Santa Cruz do Capibaribe, PE. Atualmente é pastor auxiliar na 1ª Igreja Evangélica Congregacional em Santa Cruz do Capibaribe.

1888) e Sara Kalley (1825-1907), estes fundadores das igrejas de governo congregacionalista no Brasil, que estavam ligados à tradição reformada de igrejas presbiterianas (Robert) e congregacionais (Sara). Estes pioneiros na fundação de igrejas de língua portuguesa usaram salmos e hinos em língua vernácula, o que se tornou o hinário Salmos e Hinos (SH), historicamente o primeiro hinário protestante brasileiro, usado no por muitos anos pela Igreja Presbiteriana e ainda usado pelas igrejas congregacionais históricas em solo brasileiro. Essa breve contextualização da tradição reformada com o canto dos salmos feita no prefácio é de fundamental importância para o que o leitor irá estudar na obra em apreço. Está posto já no prefácio que há uma continuidade na tradição reformada, não apenas presbiteriana no canto dos salmos e isso também aponta para a necessidade da salmodia nos cultos reformados.

Na introdução os autores estabelecem os marcos gerais de abordagem e intensão do livro. Podemos elencar alguns pontos importantes lançados na introdução sobre os objetivos da obra: (1) um exame histórico de como Calvino lidou pastoralmente com o canto litúrgico; (2) sobre os “abismos de gerações” nas igrejas, que flutuam entre tradicionalistas e contemporâneos em relação ao canto no culto. Os autores usam os termos “transcendente” para os grupos mais tradicionalistas, como corais que estão mais centrados em letras mais teologicamente ricas e harmonização mais elaborada no canto litúrgico e “imaneente”, mais centrados em cânticos contemporâneos, os grupos de louvor, com letras menores, progressões harmônicas mais simples, sem muita sofisticação harmônica; (3) também é apontado como pastores devem lidar com essas tensões reais e locais; (4) como líderes, cantores, coristas, instrumentistas e interessados em geral devem lidar com a tradição reformada sobre o canto congregacional.

No primeiro capítulo os autores traçam uma linha histórica sobre as influências artísticas e teológicas de Calvino em especial. O livro dará ênfase à tradição calvinista especificamente ao tratar sobre o canto, ainda que passe por outros grandes nomes e gerações de reformadores, João Calvino é um objeto de estudo em foco em relação ao desenvolvimento e estabelecimento do canto litúrgico na Reforma. Os autores mencionam a influência das artes liberais, pelo fato de Calvino ter tido uma formação humanista, também de João Ecolampádio e a influência de Bucer.

No segundo capítulo os autores tratam sobre a relação da oração, o canto e a doutrina. A Reforma foi um movimento doutrinário, não apenas algo voltado para o campo das ideias, mas, também para as afeições o que os autores tratarão também

na obra. A Reforma foi também um movimento de reforma do culto e a popularização do canto congregacional o que não existia nesse formato no Catolicismo Romano. Por isso, cantar deveria estar intimamente ligado à verdade da revelação de Deus. Como os autores dizem no início do capítulo a intensão nessa parte do livro é traçar um itinerário inicial percorrido por Calvino em suas reflexões sobre o assunto<sup>i</sup>, mostrando suas ênfases de forma progressiva. A ideia é preparar o leitor para o que virá nos próximos capítulos.

No terceiro capítulo o modelo calvinista de liturgia, é importante porque nos mostra um esboço de como o canto estava alojado dentro da liturgia e como a Escritura estava ligada e regava todo culto, não excluindo o canto congregacional. Nesse capítulo já vemos e os autores provam isso com fontes importantes, que na liturgia calvinista o decálogo também fora cantado. Então, essa informação desfaz a ideia que Calvino defendia a ferro e fogo a salmodia exclusiva. Nesse capítulo temos a elucidativa fala dos autores sobre o canto no ministério pastoral de Calvino, o canto da lei a ser obedecida (os dez mandamentos), junto com o *Kyrie eleison* (oração do pecador, “*Tem misericórdia, Senhor*”), expressava a total dependência dos crentes para obedecer à sua vontade<sup>ii</sup>. Algo importante a considerar é que os autores deste capítulo em diante colocam uma seção nos capítulos sobre reflexões e desafios. Esta seção dá um caráter prático e pastoral ao livro, fazendo com que o que está sendo discutido tome forma aplicativa para a vida da igreja. Este ponto é importante porque segue a própria proposta da Reforma, do envolvimento prático da igreja com o canto congregacional. Dando direcionamento a cantores, líderes, músicos instrumentistas e a pastores sobre como aplicar o conteúdo do livro à realidade das igrejas locais. Os autores não se esquivam de questões práticas e problemas que ocorrem nas igrejas quanto à questão da música.

No quarto capítulo os autores tratam sobre a prática do canto congregacional calvinista como uma reforma do culto. Na construção de grandes basílicas no início do período medieval, o canto da congregação foi silenciado, havia um grande abismo entre o clero e o povo na liturgia, isso se dava pelo idioma (latim) e pela complexidade da música cantada. Com a Reforma todas essas questões foram reformuladas, o canto deveria ser no vernáculo e as letras e a harmonia deveriam ser alcançáveis à congregação. As letras eram da própria Escritura, cantar a Palavra inspirada de Deus era também uma blindagem contra a heresia e ao erro ignorante da doutrina. Com isso, questões práticas são apontadas pelos autores como a inclusividade da igreja no canto, fazendo também aplicações aos grupos de louvor. A ideia dos autores não é de rechaçar os grupos musicais ou impor a forma usada por

Calvino no período da Reforma, mas, os autores refletem sobre a importância às adaptações que guardam princípios. O canto, por exemplo, deve ser num tom confortável para a congregação cantar, o propósito da música no culto não é exibição musical de músicos virtuosos, mas, a refinação técnica em harmonia e execução instrumental devem estar a serviço de Deus e da igreja para facilitar o canto da congregação e não para inibir.

Os capítulos cinco e seis são uma progressão do que vem sendo construído pelos autores desde o primeiro capítulo, os argumentos do livro são crescentes e estruturados historicamente e teologicamente. Isso torna o conteúdo do livro sólido e consistentemente pastoral e teológico. No capítulo cinco os autores tratam de como o canto dos salmos era usado por Calvino no culto, nos fornecendo tabelas dessa utilização. Há também um avanço histórico no uso dos salmos no canto litúrgico quando os autores nos trazem informações de como o grande compositor de hinos da língua inglesa, o congregacional Isaac Watts, harmonizou e utilizou os salmos para o canto da igreja. De fato, há diferenças aplicativas no entendimento de Watts sobre o uso dos salmos e de quais salmos a igreja deveria cantar, havia um trabalho hermenêutico cristocêntrico no trabalho de Watts. No capítulo seis é tratado sobre o canto da igreja de hinos que não sejam apenas os salmos. Esse é um capítulo também importante porque dialoga com discussões contemporâneas sobre o canto reformado e a defesa da salmodia exclusiva, por exemplo. O livro nos mostra por seus argumentos e fontes pesquisadas que a defesa da salmodia exclusiva não deve partir da abordagem do próprio Calvino sobre o tema. Nos capítulos sete e nove temos uma abordagem mais técnica, tanto sobre a figura dos poetas no trabalho do saltério genebrino, como em questões relacionadas à acústica, respectivamente. O capítulo sete possui importante valor histórico porque nos mostra como foi o trabalho composicional em termos linguísticos, poéticos e harmônicos para o canto da igreja. O capítulo nove os autores tratam sobre estilos e fazem apontamentos para a contemporaneidade a partir de como se pensou a questão do estilo no trabalho de Calvino como editor do saltério para o uso do canto. Os autores mais uma vez fazem pontes e não enrijecem a questão apenas recomendando reprodução do que aconteceu no século dezesseis, há um diálogo com a tradição e uma continuidade, mas, considerando a mudança dos tempos e as possíveis adaptações que podem ser feitas.

No capítulo oito temos um estudo das afeições na teologia de Calvino, os autores fazem interessantes relações com a memória e como o reformador pensava e ensinava sobre as afeições do coração. O capítulo inicia-se trazendo a tona a questão

filosófica sobre as virtudes discutida pela filosofia antiga e medieval e como Calvino lidou com tais informações e refletiu sobre tais questões. Calvino em vez de seguir um possível fluxo natural nas discussões da época sobre as paixões em Tomás de Aquino que escreveu sobre o assunto em sua Suma Teológica, foi por um caminho diferente fazendo uso direto de filósofos pagãos e alguns comentaristas e também dos escritos patrísticos para elaborar uma “psicologia” que ficou tacitamente presente no prefácio do saltério<sup>iii</sup>. Com isso Calvino faz aplicações para a questão da mente e coração e tudo isso é relacionado à prática da adoração da igreja. O capítulo também termina com aplicações para o culto reformado, há aqui grande relevância no que se propõe o capítulo, porque muitas vezes ao falarmos sobre emoções em relação ao culto temos medo de flertarmos com o pentecostalismo e de abriremos precedentes para o desvio doutrinário. As emoções não foram ignoradas pela teologia reformada e não foram rechaçadas no culto, mas, foram dirigidas pela doutrina e educadas pela graça de Deus que nos é revelada nas Escrituras.

O livro chega ao fim com três apêndices, o primeiro tratando sobre o canto entre os primeiros cristãos. Há mais uma vez uma ligação sendo feita pelos autores com a prática bíblica e a tradição reformada. O segundo apêndice é o prefácio do saltério genebrino (1542-1543) e o terceiro apêndice indicações bibliográficas para expansão de pesquisas sobre o assunto. Consideramos que esta obra é de grande importância para o público brasileiro e uma pesquisa bem documentada que não apenas nos informa, mas, nos pastoreia para aplicarmos devidamente os ensinamentos da Palavra de Deus ao culto cristão reformado. A tradição reformada preza pela pureza do culto a Deus e crê que o Sola e o Tota Scriptura servem para toda vida da igreja local.

---

<sup>i</sup> P.77

<sup>ii</sup> Ibidem, p. 94.

<sup>iii</sup> Ibidem, p. 185-86.